



II CONGRESSO INTERNACIONAL – LÍNGUAS, CULTURAS E LITERATURAS EM DIÁLOGO: IDENTIDADES SILENCIADAS

Universidade de Brasília – 16 a 18 de agosto de 2018

RESUMOS QUE COMPÕEM O SIMPÓSIO

BAIANIDADES: TERRITÓRIOS NO MUNDO

Coordenadores:

Professor Doutor Gildeci de Oliveira Leite (UNEB)

E-mail: gildeci.leite@gmail.com

Professor Doutor Ricardo Tupiniquim Ramos (UNEB)

E-mail: tupinikim@msn.com

(Em ordem de apresentação)

INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA

Adão Fernandes Lopes

Mestrando em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV, Jacobina e docente da Educação Básica. E-mail: afelopes@yahoo.com.br

Dr^a. Denise Dias de Carvalho Sousa

Docente orientadora no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: dediscar@yahoo.com.br

Este artigo é um recorte da pesquisa “*Dialogando com os camelôs no Beco do Paraguai em Jacobina Bahia: Propaganda, inferências e construção de sentidos*”, apresentada à disciplina “Psicolinguística e o ensino de Língua Portuguesa” no curso de Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV Jacobina BA. O objetivo da investigação foi perceber como os camelôs se comportavam diante das estratégias de leitura, especificamente, a inferência,



mediante as propagandas por eles (não)elaboradas e analisar a construção de sentidos destinada a elas. Dialogamos com os seguintes autores: Kleiman (2000, 2001,2003), Geraldi (1991), Goodman (1970); Smith (1973,1978), Silva (2003), Macedo (2000), Sandman (2007), Madruga (2006). Foi uma pesquisa qualitativa pautada na perspectiva da Etnopesquisa. Utilizamos a entrevista semiestruturada, aplicação de questionário aberto, a observação participante, gravação de áudio, além de anotações no diário de bordo. A opção em trabalhar com a estratégia de leitura inferencial possibilitou materializar as formas de propagandas dos camelôs, visto que são relevantes para a vida profissional. Trouxe como resultados a percepção de uma leitura analítica por parte dos camelôs, distanciando-se das abordagens meramente linguísticas para uma abordagem social, centrada nos pressupostos da Psicolinguística. Enfim, propiciou a instrumentalização para a vida profissional já que os camelôs possuem efetiva participação social nas estratégias de leitura ao venderem seus produtos/mercadorias no comércio informal mesmo não se dando conta das teorias que estão subjacentes às práticas de leituras e a formação leitora bem como as propagandas que ali são veiculadas.

Palavras-Chave: Camelôs. Construção de sentidos. Inferências. Propaganda.

DISCURSOS ACERCA DA BAIANIDADE. Autoras: Ana Carla Sousa Conceição (UNEB), Júlia Larissa S. de Novaes (UNEB)

DISCURSOS ACERCA DA BAIANIDADE

Ana Carla Sousa Conceição – (UNEB)

Júlia Larissa de S. Novaes – (UNEB)

O termo baianidade foi proposto e definido ao longo do século XX. Utilizado para elucidar peculiaridades do modo de viver dos baianos, mais notadamente, os naturais de Salvador e do Recôncavo baiano, a identidade baiana é um exemplo da força e da importância do campo da cultura e dos estudos culturais na contemporaneidade. Segundo Albergaria (2014) existem duas diferentes e conflitantes ideias acerca do discurso de baianidade, uma de Bahia endógena e uma da baianidade como mito constitutivo da identidade. Joabson Lima (2015) apresenta quatro discursos de baianidade: histórico, cosmopolito, sertanejo e o *blacktude*. Representando ideologicamente e respectivamente, uma invenção a partir de um passado grandioso e mítico da Bahia, as manifestações sociais e políticas, a construção identitária que se desloca de uma ideia geral da Bahia e por fim aquela que busca a coletiva desconstrução da cena cultural baiana marcada por exclusões e silenciamentos. O presente trabalho busca refletir acerca dos discursos criados acerca da baianidade, com foco nos discursos de Alberto Albergaria, um antropólogo e professor, e do professor efetivo da Universidade Estadual da Bahia (UNEB)



campus XVI em Irecê, Joabson Lima Figueiredo. Inicialmente definiremos identidade, numa perspectiva homogênea, logo discutiremos no campo da baianidade, o que seria ser baiano? Após tais discussões faremos uma reflexão acerca dos discursos analisados, quais são suas perspectivas e processos de surgimento. Por fim buscaremos entender e apresentar quem precisa definir-se no campo da baianidade. Mediante pesquisas bibliográficas, análises de textos e entrevistas, discutiremos os aspectos aqui propostos.

Palavras chave: Baianidade, Identidade, Construção, Historicidade.

Terreiro Bate Folha e Nengua Guanguancesse: representações do candomblé Congo-Angola na Bahia

Carla Maria Ferreira Nogueira
Doutoranda do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Dentre signos e simbologias que demarcam os traços de baianidade, o candomblé e a musicalidade são dois grandes elementos que se destacam no processo de caracterização cultural da Bahia. Do senso comum aos estudos de Cultura, ainda permanecem aspectos que fundamentam a preservação de afirmações que definem a ideia de singularidade, tais como *A Bahia é a terra do axé, Há uma fé que só o baiano tem, Bahia de todos os Santos e aqui é a África outra vez*. A cultura baiana, especialmente a vinculada ao mundo do Candomblé, foi fonte de inspiração para muitos artistas, da fotografia com Pierre Verger, escultura Mário Cravo, Jorge Amado na literatura e Dorival Caymmi na música, para citar poucos, os quais nutriram o aspecto religioso em nosso cotidiano. Muitas são as maneiras, os jeitos e fazeres na extensão territorial do Estado, que, em constante diálogo, compõem os sujeitos sociais, porém, como alguns marcadores habitam o nosso imaginário, o presente trabalho propõe o estudo da projeção do Candomblé nos discursos que lançam a Bahia como território enigmático, acolhedor e negro. Para tanto, pretende-se analisar a representatividade do Manso Banduquenqué, Terreiro Bate Folha, de origem Congo-Angola, que completou cem anos em dezembro de 2016, como contribuição para a formação da identidade baiana, sobretudo, nos aspectos relacionados à ancestralidade africana, culinária, vestimenta e outros de caráter popular. Nesse aspecto, tanto o candomblé, quanto a representação feminina no Candomblé, no caso do Bate Folha, a



presença da Nengua Guanguancesse consolidam a salvaguarda da cosmologia do sistema religioso afro-brasileiro.

Palavras-chave: Candomblé; Africanidades; Congo-Angola, Feminino; Bahia.

FEIRA DE ÁGUA DE MENINOS E FEIRA DE SÃO JOAQUIM: A REINVENÇÃO DA CIDADE DO SALVADOR

Autora: Daniela Teixeira Lázaro (UNEB)
Orientadora: Filismina Fernandes Saraiva (UNEB)

RESUMO

Esse trabalho tem como objeto de estudo as crônicas *Feira de Água de Meninos* (1951) de Vasconcelos Maia, e o conto *Feira de São Joaquim* (2015) de Aleilton Fonseca, ambos escritores baianos que recriaram em suas obras a feira popular situada na Cidade Baixa de Salvador, em períodos históricos distintos. Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo acerca da Cidade do Salvador recriada nas obras supracitadas, discutindo alguns aspectos específicos como a representação de espaços populares de Salvador, bem como, a mudança histórica da Feira de Água de Meninos para São Joaquim. Também, neste estudo, apresenta-se os autores em estudo situando-os em seus momentos de produção. Além disso, faz-se necessário discutir a importância do espaço da cidade, recriado nas obras, para o povo que o frequentava, assim, supõe-se que os autores contribuem para a memória desse espaço da cidade. Com essa pesquisa espera-se renovar a crítica acerca da literatura de ambos os autores, além de contribuir para a divulgação de pesquisas científicas, bem como, abrir novas possibilidades de leitura da literatura baiana. Este estudo crítico tem abordagem qualitativa e se faz por meio da pesquisa bibliográfica. As discussões foram realizadas a partir das contribuições teóricas de Alves (2001), Calvino (2003), Gomes (1979), Santana (1986), Santos (2012), dentre outros.

Palavras-chave: Aleilton Fonseca, Cidade do Salvador, Feiras Populares, Literatura, Vasconcelos Maia.



AXÉ MUSIC OU MÚSICA DE AXÉ

Denis Harmony Santos da Silva (IFBA)

A cultura afro-brasileira ou “cultura negra” permaneceu por muito tempo na obscuridade da história e das ações e manifestações socioculturais do povo brasileiro. Os conhecimentos, saberes, tradições e costumes africanos e afro-baianos foram marginalizados pela compreensão de uma cultura excludente e dominante, em decorrência, especialmente, da valorização e evidência de uma formação/educação eurocêntrica. Entretanto, hoje, é possível reconhecer o equívoco histórico, especialmente, quando se observa as contribuições (sociais, educacionais e culturais) dos povos oriundos da África no solo brasileiro. No anseio de manifestar o inigualável celeiro cultural da negritude baiana, que constrói e se reconstrói ao longo do tempo, surge o presente trabalho que pretende desenvolver, especificamente, uma análise reflexiva sobre as letras das músicas que marcam o gênero do Axé-Music, tanto nos carnavais de Salvador, quanto nos espaços midiáticos; alisando, concomitantemente, os elementos simbólicos e cânticos ritualísticos presentes nos ritos e rituais das religiões de matrizes africanas, que foram introduzidos no espaço musical, através do domínio público. Com isso, será importante questionar se as músicas são apenas letras de um gênero musical ou representam uma apropriação das músicas e cânticos entoados nos espaços ritualísticos do Candomblé, ou seja, “*axé-music ou música de axé?*”. Para tal, será apresentado, de caráter teórico, um rápido cronológico dos acontecimentos histórico e musical, até chegar ao *boom* do Axé-Music, nas décadas de 1980 e 1990.

Palavras-chaves: Axé Music; Carnaval; Candomblé; Gênero; Religião.

IDEOLOGIA, CORDEL E POLÍTICA

Autoras: Eufrazina Cardim Pereira (UNEB)

Katiane Silva de Oliveira (UNEB)

Orientador: Ricardo Tupiniquim Ramos (Doutor em Letras/UNEB)

Esta comunicação tem por objetivo analisar a relação existente entre a literatura de cordel e a ideologia, apresentando esta como aspecto motriz dessa forma literária, caracterizando-o como instrumento de luta contra às imposições das classes hegemônicas, tornando-se um manifesto em prol das classes socioeconômicas menos favorecidas. Com o uso de uma linguagem clara, cotidiana e de tom humorístico, ricos em rimas, que prezam a função poética, o cordel mostra com o uso o valor para a mediação com o outro, a oralidade e a memorização, tratam geralmente de assuntos pertinentes a realidade vivida pelos espectadores e remete-os ao conhecimento de outros contextos históricos. Apesar de certa liberdade, há uma relação entre literatura de cordel e ideologia, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, sem jamais atribuir tais diferenças à própria divisão social em classes. Sendo assim, a louvação de figuras públicas do país é um tema comum, bastando à personalidade estar no poder. Por meio da metodologia bibliográfica de cunho qualitativo, busca analisar alguns folhetos que tiveram como fonte de inspiração, o cenário político

brasileiro, identificando a construção das críticas sociais através de sátiras, que cumprem a função de denúncia às mazelas da sociedade. Desse modo, é de fundamental importância o estudo da literatura de cordel, que cumprem uma das funções tradicionalmente definidas da literatura – a denúncia social, que estimula a percepção crítica do mundo e a intervenção na realidade, a fim de melhorá-la. Como aporte teórico, o presente estudo se baseia em autores como Paulo Henrique Amorim (2015), Leandro Barros (1918), Luís da Câmara Cascudo (2001), Rodolfo Coelho Cavalcanti (1959), Marco Haurelio (2010), Orígenes Lessa (1973), Ivã Cavalcante Proença (1977).

Palavras-chave: Cordel; Ideologia; Política; Poesia

IDENTIDADE AFRO-BAIANA EM CONTOS DE MESTRE DIDI

Autora: Filismina Fernandes Saraiva (UNEB)

Deóscoredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi, é reconhecido na Bahia como sacerdote da religião afro-brasileira Candomblé, possuindo alta relevância dentro do terreiro de culto aos Orixás e de culto aos ancestrais, Egungun. Recebeu, ainda jovem, no Ilê Axé Opô Afonjá, o título de *Assobá*, supremo sacerdote do culto de *Obaluaiyé*. Nos mistérios de Egungun fora iniciado desde cedo, aos oito anos de idade e mais tarde se tornou *Alapini*, o supremo sacerdote do culto aos ancestrais. Sabe-se que o Mestre “escultor do sagrado” buscou na religião de matriz africana, Candomblé, os elementos essenciais para a composição de suas esculturas. Desse modo, neste trabalho, serão discutidas algumas relações entre a religiosidade afro-baiana do Candomblé e a arte literária feita por Mestre em seus contos. Pretende-se discutir identidade cultural afro-baiana presente em algumas narrativas curtas de Mestre Didi contidas nas obras *Contos Negros da Bahia* (1961) e *Contos Crioulos da Bahia* (2006). Além disso, almeja-se delinear uma breve biografia do autor. Para isso, será necessário dialogar com os autores Stuart Hall, Tomás Tadeu da Silva, Marco Aurélio Luz, Huana Elbein Santos, Narcimária Luz, dentre outros, a fim de buscar tais representações identitárias culturais afro-baianas e traçar o perfil do escritor, escultor e sacerdote supremo do culto de Babá Egum, no Brasil.

Palavras-Chave: Mestre Didi; Identidade Cultural; Candomblé; Literatura Baiana



EXU BAIANO DE ONTEM E DE HOJE: OLHANDO COM EDISON CARNEIRO

Autor: Professor Doutor Gildeci de Oliveira Leite (UNEB)

A partir da leitura de obras de Édison Carneiro e outras fontes, fez-se um entendimento de como o orixá Exu era compreendido nas primeiras décadas do século XX na Cidade do Salvador. De posse da mencionada descrição, foram chamadas para a comparação narrativas e etnografias sobre o decano dos orixás em anos posteriores às publicações de *Religiões Negras* (1936), *Negros Bantos* (1937) e *Candomblés da Bahia* (1948) até estas primeiras décadas do século XXI. Portanto, foram objetivos desta pesquisa conferir em que medida estaria Édison Carneiro equivocado ou reproduzindo uma realidade encontrada ao publicar suas primeiras pesquisas sobre orixás da Bahia, considerando variações e fusões das divindades negras por conta de baianidades diversas e o quanto realidades encontradas por Carneiro são atuais ou ultrapassadas. Pensando a realidade de forma qualitativa, o método, as ferramentas utilizadas foram comparativistas, levando em consideração contribuições da biografemática barthesiana e reinterpretções da biografemática. Como resultados, foram encontradas atualidades das descrições, pouco ortodoxas, indicadas por Édison Carneiro e condenadas por pesquisadores, que entendem as descrições como deturpações do panteão nagô da Bahia. As variações e até diabolizações do arquétipo de Exu permaneceram não somente no imaginário popular, mas também em narrativas artísticas. Apesar de diferentes da liturgia nagô, local de morada do orixá Exu, as baianas variações de Exu ainda existem e ganharam outros espaços além do estado da Bahia, expandindo o território dessas reinvenções.

Palavras-Chave: Exu – Baianidade – Edison Carneiro – narrativas

CARTOGRAFIAS SERTANEJAS: A VOZ SERTANEJA SILENCIADA NO ROMANCE O PÊNDULO DE EUCLIDES DE ALEILTON FONSECA

Joabson Lima Figueiredo (UNEB / UFBA) jfigueiredo@uneb.br
Alvanita Almeida dos Santos (UFBA) alvanitaalmeida@ufba.br



Este estudo possui em seu esteio a identidade cultural sertaneja e suas vozes. O ponto de convergência a ser analisado é o processo de representação cultural do sertão no romance *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca. Além disso, evidenciar-se-á também o desenvolvimento e a transformação dos discursos acerca do sertão como categoria problemática, no geral, como identidade viável ou vir-a-ser, em particular. O sertão – o espaço do outro – local que povoa o imaginário nacional e sempre revisitado por autores, tanto na literatura como em outras linguagens artísticas. O sertão representado na obra supracitada – em uma das leituras possíveis – desliza sobre os arquétipos da cultura sertaneja e provocam uma possível transformação. Esta transformação nos discursos seria baseada numa modificação no plano sócio histórico, daí que a abordagem estabeleça, partindo de dispositivos culturais, uma cartografia sertaneja baiana. O propósito central é demarcar e problematizar as representações de sertão, enquanto cartografia e paisagem social, no discurso de Aleilton Fonseca. A partir do diálogo que o autor estabelece com os textos operatórios do sertão pré-construído, atentando para as ênfases e omissões, reiteraões e deslocamentos que ali são postos, como também para as formas como o autor recorta, localiza, define, enquadra e exclui/inclui o sertão na história. Essas artimanhas, ou técnicas narrativas, se aproximariam numa espécie de codificação que permite ao narrador expor sobre as cartografias sertanejas em índices basilares: a narrativa focada na memória, possuindo como ponto de observação a experiência interior; a experimentação linguística, em graus variados, de acordo com o objetivo de cada narrador e tipo de texto; a ideia latente de testemunho ou de relato, no sentido de que os narradores se propõem a fixar, através do texto, uma subjetividade que retoma ao narrador clássico benjaminiano.

Palavras-chave: Sertão; Aleilton Fonseca; Memória; Identidade; Canudos.

A BAHIA CACAUEIRA: IMAGENS IDENTITÁRIAS E REALIDADES SÓCIO-CULTURAIS

Joanna Mendonça Carvalho
IFBaiano, Campus Catu.

Este trabalho visa a apresentar realidades sociológicas do interior da Bahia, mais especificamente da chamada “região cacaueteira” ao sul da Bahia, que contradizem as imagens que são veiculadas pela grande mídia regional e estadual. Para tanto foram feitas pesquisas de imagens divulgadas de forma massiva sobre esta região, especificamente a cidade de Ilhéus, somadas a produções acadêmicas acerca da temática, contrapondo com pesquisas e estudos sobre a mesma. Compreendendo que uma imagem não se resume a seus aspectos físicos e visuais, procurou-se analisar a estética e os aspectos simbólicos que as imagens estudadas carregam, mostrando que existe uma história e uma multiplicidade de realidades sócio-culturais, além dos elementos eleitos como formadores de um “modelo identitário” da região, ou de uma ideia generalizante de baianidade, formulada a partir de referências do recôncavo. Conclui-se, a partir desta problemática, que, as imagens identitárias sobre o sul da Bahia se mostram mais sob formas de recortes sócio históricos culturais arbitrários, feitos para “vender” a cidade de Ilhéus e região, do que propriamente em uma valorização e reconhecimento dos diversos elementos que compõem a história e a cultura deste local e de seu povo.

Palavras-chave: Sul da Bahia, Imagens, História regional.

PROFUSÃO E REPRESSÃO DAS MANIFESTAÇÕES AFROS NO SÉCULO XIX: DO BATUQUE AO “SAMBA”.

Marcelo Ferreira Lemos Filho (UNEB)

RESUMO

Este artigo, primeiramente, busca estudar o samba numa perspectiva de análise da sua inserção social, como modo de resistência e como perdurou ao longo dos anos apesar das perseguições e proibições.

Dentro da vasta gama de manifestações culturais que se apresenta no estado da Bahia, o samba foi arraigado em nossas terras, e em nosso Estado foi cultuado e propagado inicialmente por negros provindos da África. Continuou com os negros nascidos nas senzalas, e seguido por brancos e/ou mestiços “vadios” ou trabalhadores livres e menos abastados. Por fim, pessoas da alta sociedade como filhas de senhores de engenho e até mesmo altas patentes da lei também cultuaram o samba. A propagação das manifestações dos negros para fora das senzalas aconteceu, inicialmente, por brancos que tinham livre acesso a várias áreas da sociedade, e podiam transitar tanto nas fazendas quanto na zona urbana.

Este trabalho busca elucidar a transição da nomenclatura Batuques para samba, abordando a confusão que era feita pela sociedade e autoridades. Posteriormente, esta ambiguidade atingiu alguns estudiosos, que relacionaram outras danças e cantos que não tinham ligação com o que, inicialmente, os negros cultuavam. Procuo identificar dentro deste termo genérico, “Batuque”, como o samba era manifestado. Além disso, este trabalho busca demonstrar como e por quem esses folguedos eram praticados durante os séculos XIX e início do XX.

Para compreender estas questões, as fontes consultadas foram artigos, livros de autores de extrema relevância para o tema, como o historiador José Tinhorão,



dissertações de mestrado e tese de doutorado, assim também como autores que buscam tratar a escrita da história, além disso, fonte primária como artigos de jornais já extintos e documentos policial.

Palavras-chave: Perseguição; Batuques. Samba; Repressão; Manifestação.

A BAHIA NA ROTA PÓS-COLONIAL: A POESIA DE SOSÍGENES COSTA

Marcos Aurélio dos Santos Souza
UNEB, Campus I, Salvador.
marcosuesb@gmail.com

Investigo, neste trabalho, como os aspectos do multiculturalismo e da pós-colonialidade emergem do imaginário poético de Sosígenes Costa, a partir da relação histórica da Bahia, como referência brasileira do empreendimento colonizador europeu, com outros contextos e lugares de opressão colonial. Fora e dentro de seu mundo mais imediato, de sua cidade, de seu quintal, Sosígenes encontra uma pluralidade significativa, onde reaviva nos fragmentos de mundos tão distantes e tão próximos, as vozes apagadas daqueles que viveram e vivem à sombra de um discurso identitário unívoco e, ideologicamente, eurocêntrico. Em Belmonte, cidade do interior da Bahia, numa ambiência marcada pela história da colonização brasileira, sua narrativa evoca localismos, flora, fauna e costumes, mas também se comunica com mitos europeus, narrativas diversas das histórias escrita e orais, produções literárias do Brasil e da América Latina. O lugar de Sosígenes, em poemas como *Iararana* e *Cantiga Banto*, funciona por meio de uma “perspectiva dupla”, a mesma que Eliana Reis (1999) identificou na literatura pós-colonial do escritor Wole Soyinka como uma capacidade de falar de dentro de sua cultura, mas também de fora como alguém que não pertence totalmente àquele mundo. Essa oscilação entre o particular e o plural acaba por criar uma *intimidade intersticial* das diferenças culturais, no sentido que lhe empresta Homi Bhabha (1998), ao discutir uma poética pós-colonial em que muitas experiências intersubjetivas e coletivas de nação são negociadas.

Palavras-Chave: Sosígenes Costa; poética pós-colonial; poesia baiana.



UMA CENA DA ESCRITA BAIANA: PERSPECTIVAS E CONCEPÇÕES

Milena Guimarães Andrade Tanure

(Doutoranda/UFBA-Grupo de pesquisa: Contemporâneos/UNEB)

Partindo de uma discussão sobre o modo pelo qual o conceito de literatura baiana pode representar a manutenção de um *status quo* ou a busca de uma nova via, o presente trabalho objetiva realizar uma reflexão sobre uma ideia de literatura baiana na tentativa de problematizar essa demarcação, na fala ou na escrita, do aspecto local. Dessa forma, objetiva-se pensar, ainda, em que sentido essa marca regional pode se colocar como diferenciação exaltadora ou delimitação segregacionista no interior do campo literário. A fim de refletir o que tal categorização tem representado e as suas marcas, parte-se das teorias sociológicas sobre a produção e circulação de produtos culturais desenvolvidas por Pierre Bourdieu a fim de discutir sobre a cadeia produtiva que tem dado espaço, mas também negado a devida projeção ao que se tem produzido em solo baiano, pensando, sobretudo, a produção contemporânea. Essa análise, discutindo o modo pelo qual a produção literária baiana tem encontrado certos entraves para se fazer publicar, circular e ser lida, tanto em cenário local como em todo o país, propõe problematizar uma questão que perpassa pelo processo de produção e circulação das obras no intuito de dialogar sobre o que a categoria “literatura baiana” tem representado no campo cultural.

Palavras-chave: literatura baiana; campo literário; produção cultural.

A CONSTRUÇÃO DO “SER BAIANO” NO FILME “Ó PAÍ, Ó”

Narla A. Teixeira Pinheiro – (UNEB)

E-mail: narlinhapinheiro@hotmail.com

Simara Santos Jesus – (UNEB).

E-mail: simarasil0809@gmail.com

“Ó Paí, Ó” retrata a rotina dos moradores de um cortiço no Pelourinho. Os principais personagens são um pintor, um artista e o aspirante a cantor de axé (Lázaro Ramos), um malandro-traficante-racista (Wagner Moura), uma evangélica conservadora (Luciana Souza), uma mulher que vai para o estrangeiro, casa e volta para a cidade (Dira Paes), um taxista infiel (Érico Brás), uma morena brejeira vinda do interior para a capital (Emanuelle Araújo) para morar com a tia homossexual e dona de bar, chamada Neuzão (Tânia Toko). Além desses, há a baiana do acarajé, a vidente e o travesti. A imagem que o baiano tem foi construída ao longo da história. A produção artística sempre foi um termômetro da efervescência e qualidade literária, musical e cinematográfica de renomados baianos que traduziram a Bahia sob perspectivas diferentes ao longo dos anos. Algumas de cunho social e de protesto, e outras em tom jocoso que remetem à comédia.



O presente filme foi lançado em 2007 sob a direção de Monique Gardenberg, cujo roteiro foi baseado em peça de Márcio Meirelles, encontramos características como sensualidade, malemolência, deboche, indicadores de violência, prostituição, turismo sexual e racismo. O presente trabalho visa uma reflexão acerca da imagem do baiano retratada em “Ó Paí, Ó”. A baianidade contém uma série de representações encontradas nas composições de Dorival Caymmi, Gilberto Gil e Caetano Veloso, assim como nas obras de Jorge Amado. Almejamos analisar as formas como “ser baiano” são retratadas na obra, fazendo uma reflexão acerca do que realmente existe e do que a mídia nos apresenta. Mediante pesquisas bibliográficas, análises de textos e do próprio filme discutiremos os aspectos aqui propostos.

Palavras chave: “Ó Paí, Ó”, Baianidade, Imagem, Mídia, Baianidade.

SALVADOR E SUAS RAÍZES MULTIÉTNICAS: UM ESTUDO ONOMÁSTICO DOS FUNDADORES DA CIDADE

Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos (UNEB)

Carneiro (2017 [1949]) traz uma reconstrução histórica e crítica do processo de construção da cidade de Salvador e de sua implantação como sede da colônia portuguesa na América. Nesse trabalho, a partir de fontes documentais oficiais do século XVI, ele apresenta uma lista com os nomes da população masculina da emergente urbe, destacando as funções de cada indivíduo nas obras de construção e nos primeiros postos da administração pública e eclesiástica, em atividades laborais distintas conforme as qualificações profissionais e as origens sociais e étnicas de cada um. Embora certamente existissem, a documentação consultada não faz qualquer referência à presença de mulheres, que não exerciam, à época, atividade remunerada. Na relação de nomes – base para este estudo onomástico –, destaca-se a existência de europeus de diversas nacionalidades (portugueses, espanhóis, holandeses e italianos, franceses e eslavos), negros e pardos livres ou escravizados – nem todos contabilizados, segundo Santos (2005) – além de índios, o que demonstra as raízes multiétnicas e já mestiças da capital baiana, ainda hoje um traço constituinte da identidade soteropolitana e significativo da baianidade.

Palavras-Chave: Salvador – Baianidade – onomástica – Edison Carneiro



RUPTURA E NÓ: MATERNIDADE E IDENTIDADE NA OBRA *AS DOZE CORES DO VERMELHO* DE HELENA PARENTE CUNHA

Autora: Yarda Jhordane Silva Araújo Souza (UNEB)

Orientadora: Professora Filismina Saraiva (Uneb)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo tecer uma crítica literária feminista partindo da análise da questão do gênero apresentada no romance *As doze Cores do Vermelho* (1988) de Helena Parente Cunha. Para tal finalidade, foi necessário apresentar ao leitor a obra e suas particularidades, principalmente, como os dois lados (lado de cá, que representa os desejos e anseios da protagonista e o lado de lá que representa as imposições que as “vozes” lhe ditavam) essencializam a identidade feminina. Além disso, analisa-se como a colocação do gênero delimita a identidade feminina na análise da protagonista. A busca feminina não cessa, muitas amarras foram quebradas, mas ainda há muito para se conquistar em termos de leis e também na vivência familiar. Para estabelecer essa discussão foram utilizados teóricos como Hall (2003) como base para discussão sobre identidade e como referencial para o estudo de gênero foram utilizados os conceitos trazidos por Saffioti(1999),Scott(1995) e Butler (2010), como base para o referencial sobre maternidade será utilizado os estudo de Badinter (1985). A análise constatou que a protagonista está sempre dividida entre a sua condição feminina e o desejo de livrar-se de complexos de inferioridade e da pressão que a impediu de alcançar uma personalidade autônoma. Percebe-se que esta divisão interna sentida pela personagem principal não é muito diferente do constante conflito vivido pela mulher contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Identidade. Literatura. Maternidade. Mulher.